

**CENTRO DE INSTRUÇÃO
ALMIRANTE GRAÇA ARANHA - CIAGA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA
MARINHA MERCANTE – EFOMM**

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA MARINHA MERCANTE

Por: Ana Beatriz Moraes de Jesus

**Orientador
Professora Gabriela de Lima Bragança
Rio de Janeiro
2012**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO
ALMIRANTE GRAÇA ARANHA - CIAGA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA
MARINHA MERCANTE - EFOMM**

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA MARINHA MERCANTE

Apresentação de monografia ao Centro de Instrução Almirante Graça Aranha como condição prévia para a conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Náuticas do Curso de Formação de Oficiais de Máquinas (FOMQ) da Marinha Mercante.

Por: Ana Beatriz Moraes de Jesus

**CENTRO DE INSTRUÇÃO ALMIRANTE GRAÇA ARANHA -
CIAGA
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA MARINHA
MERCANTE-EFOMM**

AVALIAÇÃO

PROFESSOR ORIENTADOR (trabalho escrito): _____

NOTA - _____

BANCA EXAMINADORA (apresentação oral):

Prof. (nome e titulação)

Prof. (nome e titulação)

Prof. (nome e titulação)

NOTA: _____

DATA: _____

NOTA FINAL: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus pais, por sempre me incentivar, aos meus irmãos, aos professores, às minhas amigas de camarote e sala de aula e a todos os meus amigos que sempre acreditaram em mim.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais Nilton e Cássia, que junto comigo acreditaram no meu sonho. Dedico também a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1ON-** Primeiro oficial de náutica
- 1OM-** Primeiro oficial de máquinas
- 2ON-** Segundo oficial de náutica
- 2OM-** Segundo oficial de máquinas
- ASOM-** Curso de adaptação a segundo oficial de máquinas
- ASON-** Curso de adaptação a segundo oficial de náutica
- APMA-** Curso de aperfeiçoamento para oficial de máquinas
- APNT-** Curso de aperfeiçoamento para oficial de náutica
- CAAQ-** Curso de adaptação para aquaviários
- CIABA-** Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar
- CIAGA-** Centro de Instrução Almirante Graça Aranha
- CLC-** Capitão de Longo curso
- INSS-** Instituto Nacional de Seguridade Nacional
- LER-** Lesões por Esforço Repetitivo
- PEA-** População Economicamente Ativa
- PREPOM-** Programa de Ensino Profissional Marítimo
- PREST-** Programa de Estágio
- PSV-** Platform Supply Vessel
- RO-RO-** Roll on / Roll off
- SINDMAR-** Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante
- SEADE-** Sistema Estadual de Análise de Dados
- TGG-** Terminal de Graneis do Guarujá
- TRANSPETRO-** Petrobrás Transporte S.A.
- UFPA-** Universidade Federal do Pará

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é abordar a importância da mulher no mercado de trabalho e na Marinha Mercante, buscando mostrar o crescimento da participação destas na sociedade. O trabalho também mostra que as mulheres enfrentaram com força e coragem os paradigmas, ganhando respeito e provando que são capazes de chegar a grandes postos com esforço e dedicação. Para tanto, em primeiro plano foi vista a participação da mulher nos primórdios e sua trajetória até a atualidade em que se encontra a Marinha Mercante Brasileira.

Palavras chave: mulher, mercado de trabalho, trajetória, conquista.

ABSTRACT

The aim of this work is to show the women's value in the job market and in the Merchant Navy, trying to show the growth of women's participation in society. Also, the work shows that with strength and courage, women has faced the paradigms, earning respect and proving that they are able to reach large positions with effort and dedication. To do so, was seen in the foreground women's participation in the early days and their career until today it is in the Brazilian Merchant Navy.

Key words: women, job market, career, achievement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO	11
1.1. O DESENVOLVIMENTO DA MULHER EM GERAL.....	11
1.2. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....	12
1.3. LUTAS E CONQUISTAS.....	13
2. A MULHER NA MERCANTE	15
2.1. O INGRESSO.....	15
2.2. AS PRIMEIRAS MULHERES NA MERCANTE.....	16
2.3. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER EM ATIVIDADES TIPICAMENTE MASCULINAS.....	17
2.3.1. A CONQUISTA NA SOCIEDADE	18
3. A MULHER DESAFIANDO O MAR	21
3.1. A PRIMEIRA MULHER PRÁTICO NO BRASIL.....	21
3.2. PROBLEMAS ENFRENTADOS PELAS MULHERES A BORDO.....	22
3.2.1. A GRAVIDEZ/ MATERNIDADE A BORDO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
ANEXO A	26
ANEXO B	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Todos são iguais perante a lei. É o que estabelece o artigo 5º da Constituição Federal. No entanto, deparamo-nos com realidades distantes daquela prevista pelo nosso constituinte. Prova disso é o tratamento dispensado às mulheres trabalhadoras, em que a discriminação ainda é notadamente patente.

Há menos de cem anos, a mulher não tinha direito a voto no Brasil. Hoje, já ocupa a Presidência da República. Em pouco tempo, o dito “sexo frágil” ganhou seu espaço na sociedade e destaque no mercado de trabalho.

Há 31 anos as mulheres integram o cenário marinho. A cada ano, a participação feminina nas Escolas de Marinha Mercante vem crescendo. Estima-se que a bordo dos navios da maior companhia armadora nacional estejam atuando cerca de 112 profissionais do mar. As primeiras desbravaram os mares revoltos do preconceito e do ceticismo em relação às suas capacidades profissionais e tornaram-se altamente qualificadas, ganhando respeitabilidade; mostraram, com competência, a capacidade de galgar postos de grande responsabilidade. Além disso, abriram caminho para que um novo campo de trabalho se descortinasse para a posteridade.

A participação da mulher em atividades tipicamente masculinas ganha um fato inédito na história do país. Houve um tempo em que mulheres em um navio era sinal de má sorte, um imã para desastres. Mas, na Marinha Mercante do Brasil; em dias de hoje, essa superstição esta acabando.

Essa verdadeira invasão feminina revolucionou o setor marítimo, cuja mão de obra era essencialmente masculina. Contribuiu, também, para a mudança positiva do cenário socioeconômico nacional. Hoje, uma parcela significativa de mulheres se lança no mercado de trabalho para responder pelo sustento familiar.

CAPÍTULO I

A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

1.1 - O Desenvolvimento da mulher em geral

As convenções do início do século ditavam que o marido era o provedor do lar. A mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. As que ficavam viúvas, ou eram de uma elite empobrecida, e precisavam se virar para se sustentar e aos filhos, faziam doces por encomendas, arranjo de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano etc. Mas além de pouco valorizadas, essas atividades eram mal vistas pela sociedade. Mesmo assim algumas conseguiram transpor as barreiras do papel de ser apenas esposa, mãe e dona do lar, ficou para trás a partir da década de 70 quando as mulheres foram conquistando um espaço maior no mercado de trabalho.

O mundo anda apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe contra o antigo individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo, a cooperação no lugar da competição.

As mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta, pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo e etc. Não há um único grupo masculino que ainda não tenha sido invadido pelas mulheres. Não há dúvidas de que nos últimos anos a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho.

Este fenômeno mundial tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, e o Brasil não é exceção. É importante, no entanto, ressaltarmos que a inserção da mulher no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres.

A mulher está buscando equilíbrio. O desafio advém do fato de na busca frenética por chegar lá, seja lá onde for, ela tem que entregar à sociedade e a si mesma, muitas qualidades. Isto tem um preço que ela paga sem pegar recibo. Assim caminhando, vai conquistando e deixando

pra trás os desafios, tendo clara noção de que não há bônus sem ônus. Tem os pés no presente com um olho ávido num futuro mais feliz para todos.

1.2 - A participação da mulher no mercado de trabalho

Nas últimas décadas, um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira foi a inserção crescente das mulheres na força de trabalho. Tudo indica que as mudanças já observadas na vida das mulheres produzirão reflexos profundos nas próximas décadas. Em vários campos, as mulheres já brilham mais do que os homens.

Estudos recentes comprovam um fenômeno que não obedece fronteiras. Cresce exponencialmente o número de mulheres em postos diretivos nas empresas. Curiosamente, essa ascensão se dá em vários países, de maneira semelhante, como se houvesse um silencioso e pacífico levante de senhoras e senhoritas no sentido da inclusão qualificada no mundo do trabalho. Segundo alguns analistas, esse processo tem origem na falência dos modelos masculinos de processo civilizatório, talvez seja verdade. Os homens, tidos como superiores, promovem guerras, realizam atentados, provocam tumultos nos estádios, destroem o meio ambiente e experimentam a aflição inconfessa de viver num mundo em que a fibra ótica substituiu o cipó. Quando já não se necessita tanto de vigor físico para a caça, vale mais o conhecimento que permite salgar ou defumar a carne, de modo a preservá-la por mais tempo.

No Brasil, as mulheres são 41% da força de trabalho, mas ocupam somente 24% dos cargos de gerência. O balanço anual da *Gazeta Mercantil* revela que a parcela de mulheres nos cargos executivos das 300 maiores empresas brasileiras subiu de 8%, em 1990, para 13%, em 2000. No geral, entretanto, as mulheres brasileiras recebem, em média, o correspondente a 71% do salário dos homens. Essa diferença é mais patente nas funções menos qualificadas. No topo, elas quase alcançam os homens. Os estudos mostram que no universo do trabalho as mulheres são ainda preferidas para as funções de rotina. De cada dez pessoas afetadas pelas lesões por esforço repetitivo (LER), oito são mulheres. Segundo uma pesquisa recente feita por um grupo, as mulheres conquistam cargos de direção mais cedo. Tornam-se diretoras, em média, aos 36 anos de idade. Os homens chegam lá depois dos 40. No entanto, essas executivas ganham, em média, 22,8% menos que seus competidores de colarinho e gravata. A boa notícia é que essa diferença nos rendimentos vem caindo rapidamente. Por estar a menos tempo no

mercado, é natural que elas tenham currículos menos robustos que os dos homens. A diferença nos ganhos tende a inexistir em futuro próximo.

Em 1991, a renda média das brasileiras correspondia a 63% do rendimento masculino. Em 2000, chegou a 71%. As conquistas comprovam dedicação, mas também necessidade. Em 1991, 18% das famílias eram chefiadas por mulheres. Segundo o Censo, essa parcela subiu para 25%. Das 10,1 milhões de vagas de trabalho abertas entre 1989 e 1999, quase 7 milhões acabaram preenchidas por mulheres. As pesquisas revelam que quase 30% delas apresentam em seus currículos mais de dez anos de escolaridade, contra 20% dos profissionais masculinos.

Segundo o Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), houve crescimento da taxa de atividade para as mulheres em todas as faixas etárias. A pesquisa revela ainda que no ano passado não ocorreu mudança no perfil etário da População Economicamente Ativa (PEA) feminina. Em 2001, 30% da PEA feminina correspondiam às mulheres com 40 anos ou mais; 40% àquelas entre 25 e 39 anos; 23% às jovens de 18 a 24 anos; 5% as de 15 a 17 anos; e apenas 1% às que tinham entre 10 e 14 anos. É evidente que a sociedade não se adaptou à revolução silenciosa representada pela firme determinação das mulheres de ocupar maciçamente o mercado de trabalho e nele ter tanto êxito quanto os homens.

1.3 - Lutas e conquistas

A expectativa é de que neste século, pela primeira vez na história, as mulheres superem em número os homens nos postos de trabalho. Se souberem aproveitar isso, capitalizando oportunidades emergentes, o impacto no mercado de trabalho será, de fato, singular. Significa o rompimento de uma forte estrutura, as hierarquias empresariais moldadas pelos homens a partir da Era Industrial. A mulher da atualidade nem de longe tem o mesmo perfil daquelas que encontravam realização trabalhando nas linhas de produção. Atualmente, os líderes ainda são os homens. São eles que mandam e detêm a vantagem no jogo. A própria estrutura social deu margem a esta tal divisão de trabalho. A regra é clara: homens são os que mandam e mulheres, as subordinadas.

Em contrapartida, o século 20 mostrou a chamada inversão de papéis, ou seja, as mulheres conquistando maior destaque no competitivo mundo dos negócios e os homens, por sua vez, assumindo a manutenção do lar e o cuidado com as crianças. Mas se as mulheres desejarem sair

vencedoras nesta empreitada terão de dominar as regras que eles criaram.

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade, assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa.

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas. Apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento. Conforme o salário cresce, cai a participação feminina. Entre aqueles que recebem mais de vinte salários, apenas 19,3% são mulheres. Embora exista uma certa discriminação em relação ao trabalho feminino, elas estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes era reduto masculino, e ganhou o respeito mostrando um profissionalismo muito grande.

O grande desafio para as mulheres dessa geração é tentar reverter o quadro das desigualdades. Pelo menos, elas já provaram que além de ótimas cozinheiras, podem também ser boas motoristas, mecânicas, engenheiras, advogadas e sem ficar atrás de nenhum homem. Já está mais do que provado que as mulheres são perfeitamente capazes de cuidar de si, de conquistar aquilo que desejam e de provocar mudanças profundas no curso da história.

CAPÍTULO II

A MULHER NA MERCANTE

2.1 - O ingresso

Hoje em dia há varias formas de se tornar um mercante. Seja como posto de oficial ou como subalternos. Para se tornar um oficial da Marinha Mercante o candidato deve prestar concurso a uma das Escolas de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM). O Brasil atende com duas, CIAGA E CIABA. Na EFOMM são formados oficiais para desbravar os mares em duas opções de curso: o de Náutica e o de Máquinas.

O período acadêmico da EFOMM é composto por seis semestres letivos sendo cumpridos em regime de internato; e logo após o término do terceiro ano o aluno realizará, obrigatoriamente, o Programa de Estágio (PREST) em navios mercantes.

O Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA), o qual está localizado na cidade do Rio de Janeiro e visa atender os cidadãos que residem nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste e o Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar (CIABA), o qual está localizado no Estado do Pará e que atende os cidadãos que residem nas regiões Norte e Nordeste, tem o propósito de formar, aperfeiçoar, atualizar e adestrar o pessoal das categorias profissionais da Marinha Mercante e demais atividades correlatas, bem como prover a instrução necessária à capacitação para o exercício de funções gerais básicas de caráter militar, em especial aquelas julgadas essenciais à formação de Oficiais da Reserva da Marinha.

Além de curso como a EFOMM, o CIAGA oferece diversos cursos do Programa do Ensino Profissional Marítimo (PREPOM), o qual vem preparando aquaviários de melhor qualidade e maior número para embarque nos navios. A formação de oficiais é propiciada, também, através de cursos específicos para adaptação de universitários recém-formados (ASON), (ASOM), podendo contar como cursos de (CFAQ), (CAAQ), (APMA), (APNT), entre outros para o devido aperfeiçoamento de aquaviários.

2.2 - As primeiras mulheres na mercante

Abriu-se a porta para a Marinha Mercante brasileira com a entrada das mulheres na Marinha do Brasil. Porque se cada vez mais a inteligência e a habilidade se tornam mais importantes que a força bruta na guerra, no transporte e comércio, também não deixaria de ser igual, tendo em vista que os navios mercantes da atualidade são dotados de alta tecnologia que requerem somente conhecimento e prática para serem manobrados. Essas são as qualidades que não faltam ao sexo feminino, o que as faz bem-vindas.

Em 1998, a primeira turma formada por mulheres se integra ao Centro de Instrução Braz de Aguiar (CIABA), 14 mulheres inexperientes e amedrontadas, por serem a minoria, realizam o juramento à bandeira ingressando oficialmente para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM).

No dia 30 de abril, realizou-se no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA), em cerimônia presidida pelo Diretor Geral de Navegação, o juramento à bandeira dos alunos do 1º ano da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM), que integram a Turma CLC RUY DE LOURDES DA CUNHA E MENEZES. Essa turma, com 82 alunos, se destaca por ser a primeira desse Centro de Instrução a contar com distintas representantes do sexo feminino e será, também, a primeira a formar mulheres como oficiais da nossa Marinha Mercante, no Século XXI. As seis novas alunas já demonstraram o seu potencial ao serem aprovadas e classificadas no concurso de admissão à EFOMM, realizado em 1997, concorrendo às vagas oferecidas em igualdade de condições com dezenas de outros candidatos, na sua maioria rapazes.

Desde o início do ingresso das mulheres nas Escolas de Formação, não foi efetuado nenhuma modificação ou adaptação dos currículos da EFOMM em função do ingresso das novas alunas. As mulheres realizaram e realizam todas as atividades programadas mostrando-se perfeitamente adaptadas.

É verdade que as pioneiras serviram um pouco de cobaias, foram testadas em todos os sentidos, profissional e emocionalmente, além dos testes de resistência física. Entretanto receberam gratificações por exercerem as mesmas funções que os homens e mostrarem que são capazes. Além disso, abriram caminho para que um novo campo de trabalho se descortinasse para a posteridade. A despeito de entrar em um ambiente de trabalho estritamente masculino até 1998, ano em que as

escolas de formação abriram suas portas ao sexo feminino, hoje elas ocupam cargos importantes e lutam para impor respeito em um ambiente totalmente novo.

*"Há situações em que temos que falar com imposição. Muitos homens não gostam de receber ordens de uma mulher, ainda por cima maquinista e recém-formada", diz a Oficial de máquinas Isis dos Santos Borges. Ela tornou-se em 2002 a primeira oficial maquinista da Marinha Mercante brasileira, ocupando o posto de segundo oficial de máquinas no navio *full container* Aliança Brasil, com capacidade para 2.164 contêineres - um dos maiores do Brasil na época e uma tripulação composta por 21 profissionais (19 deles homens), Isis diz que apesar de tudo o convívio em geral "é normal e respeitador".*

Hoje com cerca de dez anos da presença feminina a bordo dos navios mercantes, podem ser citados inúmeros exemplos de mulheres bem sucedidas e que já ocupam cargos de grande importância e comando, como é o caso de Hildelene Bahia, igualando-se aos homens em função, salário e competência.

2.3 - A participação da mulher em atividades tipicamente masculinas

Vivemos em um mundo em que muitas coisas e até conceitos se transformam ao longo do tempo. Mas uma das coisas que ainda está em processo de mudança é a divisão entre profissões tradicionalmente masculinas e femininas. Embora registros comprovem que antigamente as mulheres já trabalhavam em profissões tipicamente masculinas, como a carpintaria, a serralheria e a extração de minerais, a atuação das mulheres era mais expressiva em atividades que remetiam à extensão do lar, como por exemplo, a tecelagem e a costura. Já as atividades consideradas nobres, como as artes, a educação e a política eram apenas desempenhadas pelos homens. A realidade atual mostra que a sociedade passou por transformações neste sentido, a partir do século XX, principalmente pelo aumento da demanda no mercado de trabalho, com isso foi possível perceber que a mulher passou a não ficar mais apenas em casa, vindo a se inserir no contexto profissional nas empresas.

A ampliação dos direitos das mulheres deve acompanhar as conquistas que elas já vêm obtendo com esforço e coragem no mercado de trabalho. Ao longo das últimas décadas, elas vêm quebrando tabus, ocupando vagas até então exclusivamente masculinas. Um exemplo da mudança deste processo está nas plataformas de petróleo. Na década de 1970, havia apenas homens trabalhando embarcados na bacia de Campos. Hoje, as operações para a exploração de petróleo e gás não podem prescindir da força feminina. E essa participação não é exclusiva da Petrobras. As demais companhias privadas que têm contratos com a estatal já empregam um grande contingente de trabalhadoras.

Ainda vemos situações de preconceitos na sociedade sobre o fato de o sexo feminino não poder ocupar cargos e funções tipicamente masculinas 'ditados' pela humanidade, na Marinha Mercante essa situação não poderia ser diferente. Podemos constatar muitos depoimentos de mulheres que sofreram e ainda sofrem preconceitos dentro de um navio, plataforma, etc. Nos relatos das Oficiais Raquel Gaspar e Larissa Esteves podemos ver que o preconceito esta em alta ainda na Marinha Mercante.

“Acho que primeiramente deveria mudar a cultura do povo brasileiro, que sempre acham que a mulher não tem capacidade profissional e emocional para suportar as condições que essa profissão nos impõe. A mulher brasileira está a muito pouco tempo na marinha mercante, mas desde então enfrenta problemas com relação a aceitação a bordo e no mercado de trabalho, devido a mentalidade de alguns da tal “velha guarda” a bordo que ainda existem em muitas empresas.” - OFICIAL DE MÁQUINAS RAQUEL GASPAR.

“Infelizmente ainda existem pessoas a bordo que não vêm a profissional marítima com bons olhos, em especial na secção de máquinas. Essas pessoas duvidam do nosso potencial e acreditam que iremos apenas nos “escorar” nos colegas. Às vezes me pergunto: será essa descrença fruto apenas da falta de “costume” com a marítima a bordo ou será algo intrínseco da pessoa?” - OFICIAL DE MÁQUINAS LARISSA ESTEVES.

2.3.1 – A conquista na sociedade

A participação da mulher em atividades tipicamente masculinas ganha um fato inédito na história do país e hoje a paraense Hildelene Lobato Bahia assume o comando do navio Carangola, da frota da Transpetro –

empresa de logística do Sistema Petrobras, que opera a maior frota de petroleiros do Hemisfério Sul. Ela é a primeira mulher a se tornar comandante da Marinha Mercante Brasileira, posto mais alto da hierarquia marítima e que antes só era alcançado por homens, e a ter sob sua inteira responsabilidade uma embarcação de grande porte para cabotagem. *“É uma superação. Especialmente por ter conquistado este espaço para o mundo feminino”*, celebra Hildelene.

A trajetória profissional de Hildelene começou em 1997, quando, ao formar-se em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Pará (UFPA), prestou concurso para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM). Fez a prova apenas para acompanhar o irmão, que havia feito a inscrição. Para sua surpresa, conseguiu ser aprovada em 24º lugar e passou a integrar o primeiro quadro feminino do Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar (CIABA), em Belém. Com ela, mais 13 alunas de máquinas e de náutica tinham o desafio de quebrar um paradigma e a resistência dos colegas, já que estavam entrando num universo que ainda era exclusivamente masculino no Brasil.

Em 2001, já formada, após terminar a praticagem foi contratada pela Transpetro, tornando-se uma das primeiras mulheres a trabalhar na frota. Na primeira vez que embarcou, era a única figura feminina a bordo do navio Lorena. Além da estranheza dos tripulantes, Hildelene teve de driblar os receios dos pais, que acreditavam ser uma mudança muito forte na vida da filha.

No navio Lorena, Hildelene passou sete importantes anos que marcaram seu pioneirismo na carreira marítima. Lá, tornou-se segundo e primeiro piloto, a primeira mulher no Brasil a chegar a imediato – segundo cargo na hierarquia de um navio – e a primeira capitã de cabotagem. A embarcação, inclusive, ficou conhecida como “o navio da imediata”. Em 2003, prestou concurso para a Transpetro e passou definitivamente para o quadro da frota. Desde sua primeira viagem, muitas foram as curiosidades que marcaram sua vida nos mares. Ela conta que, quando esteve no Bahrein, no Golfo Pérsico, já como imediato, teve uma experiência para lá de inusitada sob o ponto de vista cultural. Ao levar o navio para o estaleiro para fazer reparos, percebeu que os muçulmanos ficaram surpresos ao verem uma mulher no comando do processo. *“Mas eles ficaram tranquilos quando constataram que eu tinha qualificação para coordenar aquela ação”*, conta orgulhosa.

Assim que as Escolas de Formação de Oficiais da Marinha Mercante abriram oportunidades para mulheres brasileiras ingressarem na vida marítima, poucas pessoas poderiam imaginar que elas, em um período

de tempo relativamente pequeno, estariam nas principais e mais altas funções a bordo de embarcações que ostentam o pavilhão nacional.

Depois que a Paraense Hildelene Lobato Bahia assumiu o comando de um navio, outras mulheres viram e comprovaram que poderiam ir além e conquistar o seu espaço. O caminho de Hildelene começa a ser um ponta pé de outras mulheres que dedicam a sua vida a imensidão do mar. Uma delas é Fernanada Eloah da silva Rocha, que é da turma de 2002 do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha. Logo após, a oficial passou a praticar em navios da transpetro. Hoje, com 31 anos, ela tripula embarcações PSVs da BOS *offshore*.

No final de 2009, a oficial Fernanda foi a primeira mulher a concluir o curso de Aperfeiçoamento para Oficiais de Máquinas. A partir da conclusão do APMA e com certificado de competência, a oficial está apta a chefiar o setor de máquinas em embarcações de bandeira brasileira. *“Isso tem sido excelente para minha carreira. Com este certificado, tenho boas oportunidades de trabalho”*; afirma a Oficial Fernanda.

Desde que as mulheres tiveram oportunidade de ingressar no quadro de oficiais da Marinha Mercante brasileira, elas demonstram que garra, competência e responsabilidade não são características ligadas exclusivamente aos homens do mar. Isso é fruto da qualidade profissional das oficiais. Infelizmente, ainda há homens (diretores, gerentes e representantes) de recursos humanos de algumas companhias que operam no setor marítimo brasileiro e estrangeiro que não enxergam a realidade do mercado. As mulheres têm totalmente capacidade e qualidade dos homens a bordo. Todas as responsabilidades de um oficial podem ser de homens e mulheres.

Ainda assim, hoje, a realidade é bem melhor do que a vivida pelas primeiras oficiais no passado, pois tanto o pessoal de bordo quanto as das empresas já sabem que competência não tem 'sexo'. O sexo feminino continua quebrando o paradigma e provando que as mulheres podem sim dar conta da praça de máquinas e do passadiço.

CAPÍTULO III

A MULHER DESAFIANDO O MAR

*... A mulher tem poderes maiores que o mar,
ela muda o destino que Deus nos dará,
do seu ventre é que sai cada embarcação
que ela bota no mar dessa vida.
Quem traça o rumo dos barcos é a mulher ..."¹*

3.1- A primeira mulher prático no Brasil

A dureza da vida no mar não é exclusividade dos homens, no Brasil é bem recente a chegada da mulher no mercado de trabalho aquaviário. No ano de 2010, um fato histórico e marcante acontece no Brasil. O mar do nosso território nacional recebe a primeira mulher a ser tornar prático, profissão essa que requer muita responsabilidade e dedicação, atributos essenciais na mulher. A 1ON Fernanda Letícia da Silva, formada no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA) no ano de 2004, dá mais um passo na trajetória de sua vida.

A vida profissional de Letícia Silva começa a tomar rumo aos 17 anos, quando resolve ingressar a Escola de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM) situada no Rio de Janeiro. Depois de formada e como 2ON, Letícia Silva se encanta cada vez mais pela profissão, começa a galgar novos postos dentro dos navios chegando a despachar com a função de Imediato em um navio ro-ro.

¹ Danilo Caymmi, A mulher e o mar.

Com dedicação e força de vontade, Letícia Silva se empenha e é aprovada no concurso para praticante de prático. Em 26 de Março de 2010, depois de muitos treinos e manobras realizadas, a Praticante de Prático Fernanda Letícia da Silva é aprovada no exame para prático de porto em Santos, após realizar uma manobra de atracação com giro do navio F.D. Salvatore Pollo, graneleiro de bandeira italiana com 225 metros de comprimento e 11,26 metros de calado, ao Terminal de Graneis do Guarujá (TGG).

A Portaria nº12 da Capitania dos Portos de São Paulo definiu o grau de dificuldade das manobras a serem realizadas para o Exame de Habilitação para Prático, todas devendo ser de atracação incluindo giro do navio no canal. Os praticantes aprovados no exame começaram a exercer a nova função a partir de 01 de Abril, quando Letícia se tornou a primeira mulher prática de porto do Brasil.

O trabalho no mar era pouco e Letícia Silva se dedicava também a atividades extra-curriculares em terra tanto para a Marinha Mercante, quanto para a Marinha do Brasil. Em 2006, teve seu trabalho reconhecido, foi condecorada com a medalha Mérito Tamandaré, ainda como Praticante de Oficial de Náutica. Além disso, idealizou também o concurso literário 2ON Letícia Silva, o qual tem como objetivo estimular a pesquisa e escrita sobre assuntos relativos à história das Marinhas Mercante e de guerra do Brasil, além de integrar cada vez mais ambas, contando com a presença e a integração entre os Alunos das EFOMMs e os Aspirantes da Escola Naval (EN).

A aprovação de Letícia Silva foi um ponta pé inicial para que outras mulheres se tornassem práticos. Hoje no Brasil, a cerca de sete mulheres trabalhando como prático nos mais importantes portos, contribuindo para a segurança do tráfego aquaviário, a salvaguarda da vida humana no mar e a prevenção da poluição hídrica.

3.2 - Problemas enfrentados pelas mulheres a bordo

3.2.1 – A gravidez / maternidade a bordo

A opção por engravidar, sem que esta escolha afete as relações laborais, é um tema que desperta preocupação no universo feminino da Marinha Mercante brasileira. Para qualquer mulher, independentemente de ser marítima ou não, a gravidez requer planejamento. Uma das grandes questões hoje existentes no setor marítimo é se a mulher que trabalha embarcada conseguirá conciliar a profissão com a escolha de

ser mãe. No entanto, o que temos visto é que a maioria das mulheres não apenas engravida no momento planejado, como também, volta a embarcar após os primeiros anos de vida do bebê. É necessário ter uma meta profissional e a partir de então, verificar quando a gravidez poderá ser conciliada. Contudo, essa questão precisa de um estudo mais detalhado.

O ingresso de mulheres na Marinha Mercante, um universo predominantemente masculino, vem expondo o retrocesso da legislação brasileira, tendo em vista as peculiaridades do mercado de trabalho marítimo e a natureza feminina. As trabalhadoras do setor são submetidas a uma dura rotina de trabalho imposta a bordo de embarcações. Além disso, elas cumprem longas rotas, fazendo com que fiquem sem contato físico com seus familiares por quatro, cinco ou até seis meses. Ao embarcarem, as tripulantes submetem-se a trabalhos extremamente técnicos e diferenciados e a atividades que demandam grande esforço físico, como fatores desconfortáveis. Ficam ainda constantemente sujeitas aos efeitos da trepidação e vibração proporcionadas pelo ritmo incansável do navio. Contudo, situações especiais na vida da profissional aquaviária, como a maternidade, requerem leis específicas que garantam o bem-estar da gestante e do feto/bebê. É certo que a gravidez não traz consigo o conceito de doença e sim de vida. Tal condição exige cuidados especiais, como consultas mensais de pré-natal, alimentação balanceada; enfim, uma vida saudável e equilibrada, tanto física quanto emocionalmente. Pode proporcionar também algumas surpresas, como abortos espontâneos, nascimento antecipado a partir de certo mês de gestação, ou ainda, outras situações imprevisíveis como quedas ou qualquer mal-estar próprio da gravidez. Vale ressaltar que a bordo de navios não há estrutura para socorrer ou mesmo fazer um parto. A bordo não há possibilidade de manter uma creche, conforme prevê a legislação.

O que temos hoje é uma legislação uniformizada para todas as categorias profissionais. É bem verdade que as leis trabalhistas e previdenciárias protegem as mulheres gestantes nos contratos de trabalho, garantindo o recebimento de salários durante o período de gravidez e o direito à licença-maternidade. A legislação prevê dispensa para exames médicos durante a gestação e saídas antecipadas para amamentação. Tratam-se, contudo, de situações passíveis de ocorrer apenas com as categorias que exercem atividades laborativas em terra. E como a legislação brasileira poderá adequar a maternidade à vida marinheira?

O Instituto Nacional de Seguridade Nacional (INSS), por sua vez, alega que gravidez não é sinônimo de incapacidade laborativa. A garantia de

proteção especial, contudo, deve ser responsabilidade da sociedade organizada e o custo obrigatoriamente necessita ser compartilhado por todos os cidadãos, como ocorre em nações desenvolvidas. Na Noruega, por exemplo, a mulher marinheira tem direito de se afastar da atividade por até 56 semanas (48 semanas com salário integral ou 56 semanas com 80% do valor). Ela pode inclusive, a seu critério, entregar parte deste período ao pai, caso este seja marinheiro. A sociedade, por intermédio da Previdência Social, assume todos os custos. Práticas diferentes, mas com objetivos similares, existem em vários outros países. É absolutamente necessário, portanto, que o governo brasileiro crie, através da Previdência Social, mecanismos jurídicos que contemplem a mão-de-obra marítima feminina, que aumenta a cada ano, desempenhando um importante papel no processo da retomada do desenvolvimento da indústria naval e da Marinha Mercante brasileira.

A luta pela melhoria de condições para as marítimas mobiliza o (SINDMAR) há bastante tempo, tendo em vista as diversas denúncias de discriminação e desrespeito profissional às marítimas gestantes. O Sindicato defende que as companheiras gestantes devem ser afastadas de bordo assim que haja a comunicação oficial da trabalhadora para a empresa de navegação e que, durante este período de afastamento, as marítimas devam continuar a receber integralmente suas remunerações. O Sindicato explica também a necessidade da criação de uma legislação específica para as trabalhadoras marítimas que se encontram em período gestacional. E ainda explica a peculiaridade do trabalho ao mar. Mas como podemos ver o assunto às vezes passa despercebido por algumas empresas marítimas, pois ainda constatamos muitas séries de abusos ao lidar com a gravidez de qualquer marítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo efetuado neste trabalho constatou-me diversas considerações com o desenvolvimento da mulher no mercado de trabalho e a importância da mulher na Marinha Mercante. As mudanças às quais ocorreram após a inserção da mulher no lugar onde só o homem ocupava, comprova o quanto foi essencial a sua entrada, pois com isso a mulher levou harmonia ao convívio social, na medida em que elas se esforçaram para manter um bom relacionamento com as outras pessoas. Sempre em busca do bem estar no trabalho, atenciosas e dedicadas com suas funções, elas rompem paradigmas e derrubam barreiras contra o preconceito dentro da Marinha Mercante.

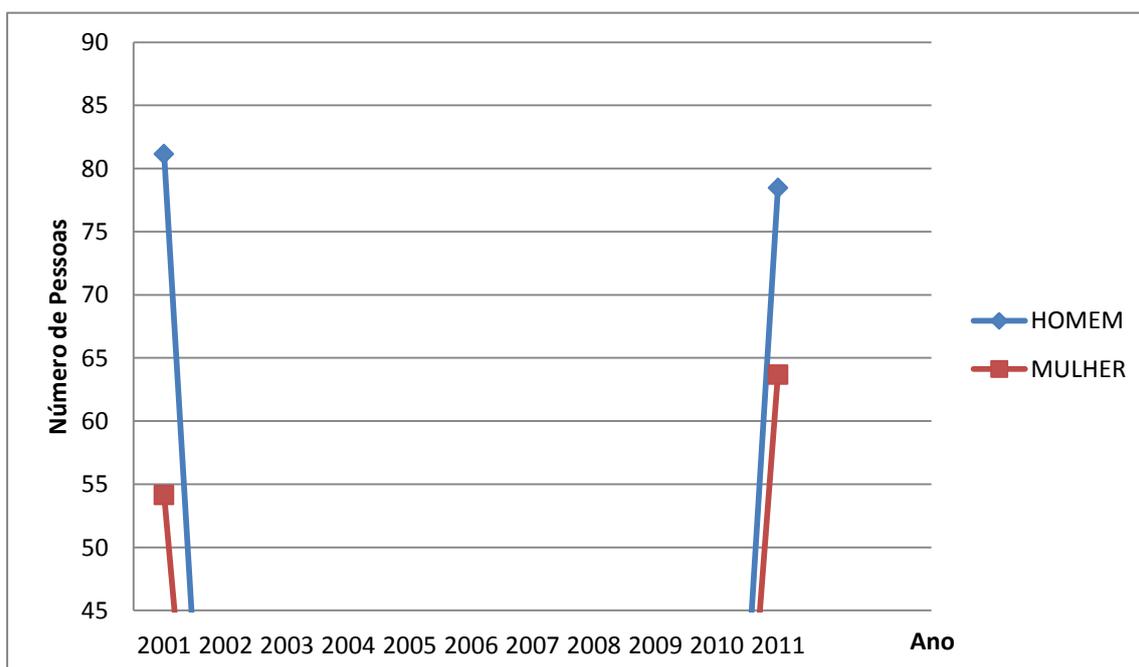
Esforçadas, elas se empenham para conseguir um lugar na sociedade. Suas novas conquistas iluminam os olhos daqueles que as admiram e deixam perplexos aqueles que achavam, ou ainda, acham que a entrada da mulher na Marinha Mercante iria ser um fracasso. A entrada da mulher na Marinha Mercante mostrou que elas são capazes e dignas e que mudaram significativamente a história da Marinha Mercante.

Hoje em dia, para ser uma boa profissional não é uma tarefa fácil. Ser mulher e mercante ao mesmo tempo é para quem tem disposição e vontade de vencer na vida, elas mostram o seu trabalho para àqueles que nunca acreditaram, superam as dificuldades e alcançam sempre as suas metas. Isto é um marco na história da Marinha Mercante, no qual as mulheres estão ganhando confiabilidade para mostrar suas qualidades a bordo.

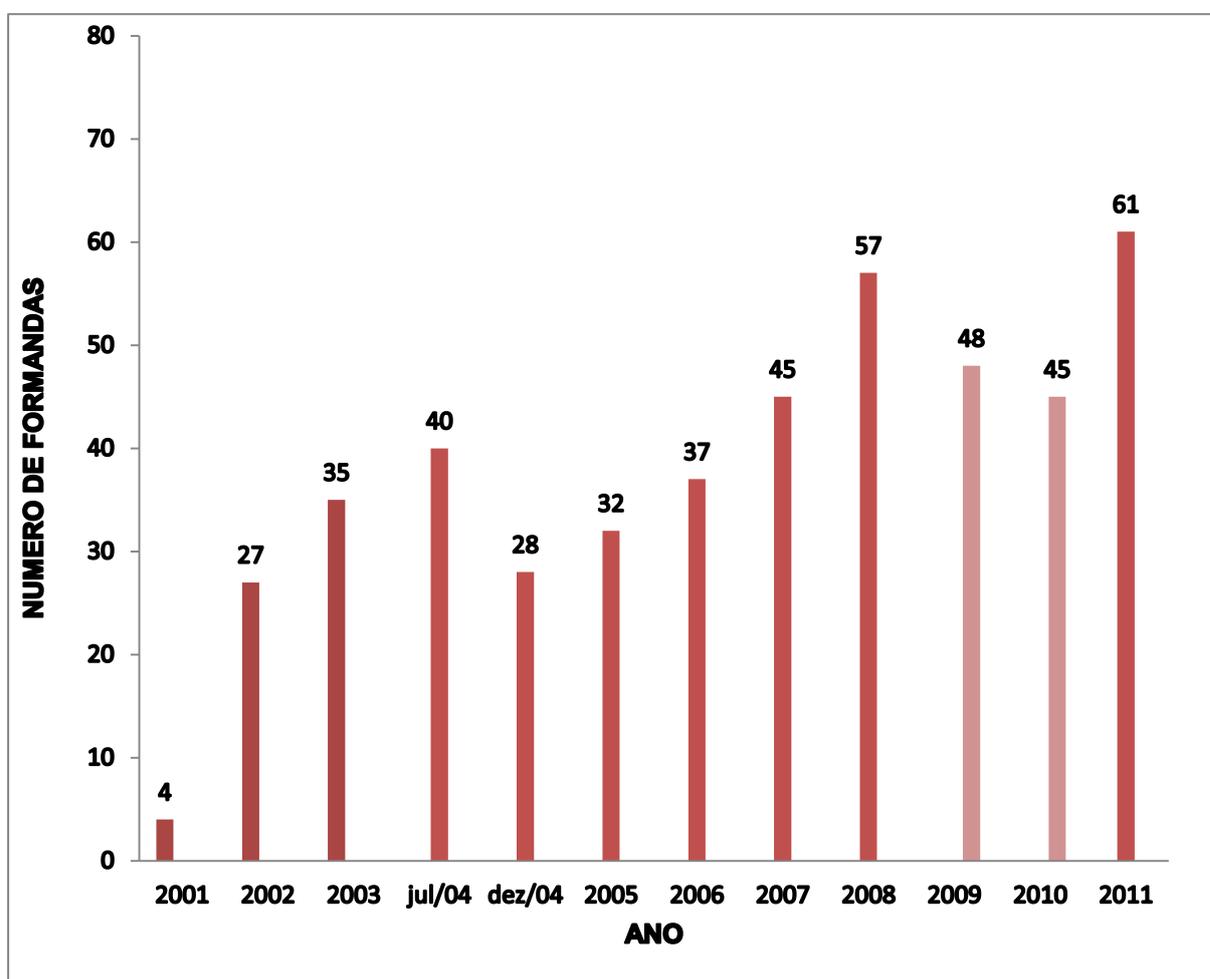
Devido a casos de tentativas de abuso e preconceitos, é necessário que a mulher tenha uma boa conduta e postura a bordo, sabendo se impor para que as pessoas ao seu redor enxergue-a como uma boa profissional, colocando limite e respeito para ser tratada como uma mercante de valor e principalmente uma mulher de respeito. Além de tudo isso, é preciso persistência, para que elas continuem lutando por um direito que as promova benefícios. Embora seu ingresso não tenha muito tempo, elas representam uma minoria que acarreta orgulho pelos inúmeros êxitos obtidos e criam esperanças naqueles que acreditam em uma melhoria na Marinha Mercante.

ANEXO A

Taxa de participação por sexo no mercado de trabalho



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE).

ANEXO B**Alunas formadas no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha
(CIAGA)**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- UNIFICAR. Revista do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante – SINDMAR. **Toda força avante**. Nº 22, p. 44. Dezembro, 2005.
- 2- UNIFICAR. Revista do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante- SINDMAR. **Investindo em pessoas**. Nº 29, p. 28. Agosto, 2010
- 3- UNIFICAR. Revista do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante- SINDMAR. **Constrangimento e insatisfação**. Nº 27, p. 92. Outubro, 2009
- 4- UNIFICAR. Revista do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante- SINDMAR. **Maternidade desrespeitada**. Nº 30, p.64. Dezembro, 2010
- 5- UNIFICAR. Revista do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante- SINDMAR. **Pioneirismo feminino no passadiço**. Nº 28, p.24. Janeiro, 2010
- 6- **Mulheres a bordo: Chega de preconceitos**. Disponível em: <http://mulheresmercantes.blogspot.com.br/2011/03/mulheres-bordo-chega-de-preconceitos.html> . Acesso em: 25 de Junho de 2012.
- 7- **A mulher e o mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm> / Acesso em: 04 de Julho de 2012.
- 8- **Mulheres chefiando, uma realidade**. Disponível em: <http://www.blogmercante.com/2011/03/mulheres-chefiando-uma-realidade/> / Acesso em: 16 de Junho de 2012.
- 9- **Letícia Silva, 1ª mulher prático no Brasil**. Disponível em: <http://www.jornalpelicano.com.br/2010/04/formada-primeira-mulher-pratico-do-porto-de-santos/leticia-silva-1a-mulher-pratica-de-porto-no-brasil/> / Acesso em 29 de Maio de 2012.

- 10- **A mulher e o mar.** Disponível em: http://letras.mus.br/danilo-caymmi/764719/?domain_redirect=1 / Acesso em: 14 de Julho de 2012.